

---

## **Rádios Universitárias: Proposta de Indicadores-Chave com Base nos Marcos Conceituais de Emissoras Públicas Federais<sup>1</sup>**

Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>2</sup>  
Roberto de Araujo SOUSA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí

### **Resumo**

Este trabalho objetiva refletir teoricamente uma proposta de indicadores-chave, a partir de marcos conceituais de autores que pensam as rádios universitárias dentro de um aspecto de radiodifusão pública. Conceitos como independência, transparência, autonomia administrativa e financeira, são consideradas premissas da radiodifusão pública. As rádios universitárias, no entanto, embora sejam geralmente inseridas neste campo da radiodifusão, apresentam outras características mais peculiares em virtude de seus objetivos e finalidades, como a necessidade de se apresentar como ambiente de aproximação dos estudantes com o mercado profissional, e a possibilidade de experimentação de formatos e de conteúdos não apropriados pela radiofonia comercial, sendo, dessa forma, espaço de fomento à produção alternativa.

**Palavras-chave:** rádio; rádios universitárias; radiodifusão pública; universidades federais.

### **Introdução**

Ao pesquisar o histórico e as características das chamadas rádios universitárias, nos deparamos com uma multiplicidade de experiências. Diferentes modos de organização, direcionamentos na programação, participação da comunidade universitária ou da sociedade em geral, estão em diferentes medidas nas cerca de 100 emissoras de rádios vinculadas a 85 instituições de ensino superior. De acordo com levantamento de Mustafá e Kischinhevsky (2018), dessas, 73 são transmitidas por ondas hertzianas e replicada pela internet, e outras 27 são sintonizáveis apenas online.

Algumas características comuns ao surgimento destas rádios em alguns países são: o pioneirismo das universidades públicas, que têm como foco a extensão universitária, considerado um dos pilares das instituições ao prestarem um serviço à sociedade; um reconhecimento inicial enquanto “rádios educativas” e, posteriormente, uma caracterização como “rádios públicas”. Dessa forma, este artigo busca refletir teoricamente este tema a partir de autores que discutem a radiodifusão pública como um

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e-mail: pafecalo@ufpi.edu.br.

<sup>3</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Piauí (UFPI), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI) e-mail: jornalista robertoaraujo@gmail.com.

---

todo, e os que destacam as emissoras universitárias neste campo. Este artigo também objetiva, a partir do referencial teórico indicado, apresentar possíveis indicadores-chave que possam caracterizar essas rádios, não para ser um caracterizador final, mas apenas esboçar uma possibilidade de parâmetros, a partir de autores com quem se tem trabalhado.

O interesse em discutir tais indicadores-chave parte da pesquisa do mestrado, onde se tem observado cinco emissoras universitárias cujas consignações estão em nome da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), e se localizam nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Dentre os objetivos da pesquisa está identificar a presença dessas características nessas rádios.

Este trabalho se justifica pelo fato das rádios universitárias representarem um aspecto específico dentro do âmbito geral das rádios públicas. A caracterização de indicadores-chave em geral para rádios públicas – embora complexa, com a inserção de muitos modelos diferentes de radiodifusão ligados ao estado – é, em geral, direcionada àquelas administradas por um órgão diretamente ligado à União. Desta forma, este modelo específico de rádio requer uma reflexão própria, sem deixar de inserir os aspectos das discussões sobre a radiodifusão pública.

### **Conceituar rádios universitárias**

Múltiplas experiências e definições podem marcar o conceito do que seriam “rádios universitárias”. Em um primeiro momento, pode-se resumir basicamente à definição de emissoras de rádios ligadas a universidades, independente de que rádio (seja com transmissão por ondas eletromagnéticas, seja por internet) ou de que universidade (sejam públicas, privadas, filantrópicas, confessionais, etc). Trabalhamos aqui com definições a partir dos objetivos e finalidades das emissoras vinculadas a universidades públicas federais.

Pesquisadores apontam que não há consenso quanto ao surgimento das chamadas rádios universitárias. Enquanto as primeiras emissoras norte-americanas surgem antes da década de 20 a partir de experimentos em universidades sobre ondas eletromagnéticas, na Argentina, pouco tempo depois com a Reforma Universitária de Córdoba, há um movimento que impulsiona as então elitistas universidades para uma aproximação maior com a sociedade, o que fermenta o surgimento da primeira emissora ligada à Universidad Nacional de La Plata. (MARTÍN-PENA, 2018)

---

Mario Giorgi (2018) aponta que nesta emissora já havia uma preocupação com o tripé ensino, pesquisa e extensão, característica hoje considerada pilar essencial das universidades públicas. O autor reflete o contexto daquela década, em que surgiam as primeiras experiências de emissoras de rádio, e no contexto da Reforma de 1918, que tinha a extensão universitária como uma de suas reivindicações.

O conceito extensionista, uma das marcas indelévels do espírito da Reforma Universitária de 1918, encontrou um canal nessas novas tecnologias que surgiram entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, e foi gerando, dando forma à rádio universitária, um pouco por causa da curiosidade do pesquisador, e também por causa da novidade da propagação à distância da mensagem universitária acadêmica e institucional multiplicada exponencialmente. (GIORGI, 2018, p. 131, tradução nossa)

Após esta emissora pioneira na Argentina, outras experiências surgiram em países como Chile, Colômbia, México, dentre outros. No entanto, apesar de tais características, ainda existem lacunas no que se referem ao que seria uma padronização, ou característica central destas emissoras.

Mario Giorgi (2018) sugere alguns indícios da falta do que ele chama de “modelos paradigmáticos” para estas rádios: o fato das universidades terem autonomia; a forma como se dá o surgimento dessas emissoras dentro do contexto institucional; as questões administrativas, técnicas e acadêmicas, e também orçamentárias. O autor ainda reflete que em muitos modelos de emissoras universitárias há uma espécie de mistura entre características que seriam referentes a emissoras públicas e emissoras comerciais. “Enquanto as emissoras entendem ou se preparam para a administração, existem modelos que se cruzam e às vezes coincidem com o público, outros com a versão de rádio comercial e a maioria se desenvolve em meio às incertezas” (GIORGI, 2018, p. 132, tradução nossa)

Sandra de Deus é uma das primeiras pesquisadoras no Brasil a refletir quais seriam os objetivos e as características principais das rádios universitárias. Em 2003, em artigo intitulado “Rádio Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e a informação”, a autora, que se detém a pensar sobre as emissoras vinculadas às universidades públicas federais, cita que as rádios devem se basear na “formação dos alunos, na divulgação do conhecimento, na democratização da comunicação e na extensão universitária pública” (DEUS, 2003, p. 309).

---

Para a autora, o horizonte das rádios universitárias deve ser a partir de duas perspectivas: laboratorial e público, sendo que a compreensão de público abrange o que seria para “todos”. “Deste modo, uma das primeiras características das emissoras universitárias públicas é o reconhecimento da pluralidade cultural através de espaços destinados para diferentes públicos” (DEUS, 2003, p. 310)

De acordo com Zuculoto (2012), que categoriza o “campo público da radiodifusão” reunindo as emissoras não-comerciais estatais, educativas, culturais e universitárias, a partir dos anos 90, este grupo de emissoras de rádio passaram a buscar uma identificação como “rádios públicas”. Esse movimento coincide com o período pós-Constituição de 1988, que determina os sistemas de comunicação no Brasil como público, estatal e privado e, embora não tenha havido avanços concretos em uma verdadeira sistematização dessas emissoras, há uma soma de esforços para formação de redes e associações entre essas emissoras.

Distinguir a partir do que especifica a Constituição pode ser o mais adequado para o entendimento da forma como abordamos neste trabalho. Enquanto a radiodifusão estatal se dedica a abordar a comunicação institucional do governo, e a radiodifusão privada objetiva atingir uma maior audiência e lucrar com isso; a radiodifusão pública é aquela que, embora sob responsabilidade de instituições públicas, dispõe de mecanismos de governança externos ao Estado, com financiamento além do orçamento público, e conta com uma programação direcionada ao interesse público, promoção da cidadania e do debate público. (PIERANTI, 2018)

O conceito de “rádios públicas” incorre em uma ampla diversidade de experiências pelo mundo, que abrange distintos modelos de organização, objetivos e finalidades. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que entre as décadas de 70 e 80 patrocinou estudos para dirimir os problemas relativos à comunicação no mundo, lançou em 2001 princípios para as tvs e rádios públicas, que são: universalidade, diversidade, independência e especificidade, além de refletir sobre o mandato da direção, os objetivos e o financiamento das emissoras. Dessa forma, consideramos que pensar as rádios universitárias vinculadas às universidades federais está dentro de uma compreensão de sistema de radiodifusão pública, nos quais esses princípios não devem ser descartados.

O contexto da Constituição de 1988 levou as emissoras universitárias a tentarem uma articulação a partir desta nova compreensão. À época, havia um interesse por um

---

perfil mais público destas rádios, mas naquele momento, a então empresa Radiobrás (responsável pelas emissoras de rádio e televisão da União) tinha uma característica mais governamental. Zuculoto (2012) aponta esta tentativa de aproximação por parte da Radiobrás. No entanto, Sandra de Deus (2003), à época, sugere um direcionamento mais autônomo destas emissoras, não necessariamente ligado à empresa estatal da época. “as rádios das Universidades Federais no Brasil necessitam formular um conceito que as possibilite, juntas, buscar o fortalecimento de suas propostas educativas, sociais e culturais” (p.12)

Além do caráter público, o caráter laboratorial é definido por Sandra de Deus como um dos itens primordiais das rádios universitárias. Para ela, o ambiente da rádio universitária é fundamental para que os estudantes – ela cita em específico os alunos de Comunicação – possam compartilhar sua atividade prática em sala de aula com a sociedade em geral.

É na atividade laboratorial desenvolvida na emissora de rádio da universidade que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação. (DEUS, 2003, p. 312)

Diego Ibarra (2018) também menciona a necessidade de haver uma aproximação entre o ensino e a prática na rádio universitária, entendendo que esta união deve ter a universidade como um ambiente em comum. Para o autor, a emissora universitária deve buscar, além de veicular o conhecimento produzido por disciplinas ou por pesquisas, permitir que estudantes possam ter contato com processos de produção no rádio. “As disciplinas em geral têm muito a contribuir para as rádios, tanto no conteúdo quanto na produção desses conteúdos das oficinas de comunicação de rádio em termos de linguagem e práticas.” (IBARRA, 2018, p. 50, tradução nossa)

Dentro da perspectiva laboratorial, podemos sublinhar o aspecto da experimentação de formatos radiofônicos. Sandra de Deus reitera a experiência sobre a Rádio Universitária da UFRGS, citando que o “exercício laboratorial se caracteriza pela liberdade e pela experimentação como espaço único de reflexão acadêmica sobre a prática profissional” (p. 314). Dessa forma, o fato de não haver relações diretas com

---

padrões mantidos pelo modelo comercial possibilitam experimentar novos conteúdos e novos formatos radiofônicos e permite “a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional” (KEMPF, 2003 *apud* DEUS, 2003, p. 314)

A participação dos estudantes na emissora é considerada fundamental por, além de permitir a experimentação no alunado, possibilitar o exercício de imaginação e criatividade que os jovens estudantes podem propiciar no meio. Ibarra (2018) cita o radialista José Ignacio López Vigil, ao refletir sobre a participação de estudantes nas emissoras.

Deve ser um espaço de experimentação sonora, de imaginação e criatividade, e quem melhor que os estudantes para desenvolverem isso. O que seria uma rádio universitária sem estudantes. Creio que atrás disto há um falso conceito do profissional. Os estudantes devem poder entrar e sair da rádio sem tanta burocracia, para que inventem e se equivoquem, o direito a equivocarse é fundamental se quer ser um laboratório de experimentação. (VIGIL *apud* IBARRA, 2018, p. 51)

Além do alunado da área de comunicação, estudantes de outras áreas do conhecimento podem, ao dispor da rádio universitária, experimentar e participar de diferentes maneiras. Existem experiências que mostram a participação de estudantes de áreas como música, engenharias, tecnologias da informação, direito, administração, dentre outros, tanto na produção de conteúdo dessas emissoras, como também na parte técnica, em organização de logística, organização, dentre outros.

Outra característica a se refletir sobre as rádios universitárias é no que se refere à forma como se organizam, de que forma são geridas e que tipo de vínculo possui com a universidade ao qual pertence ou está ligada. Como nos mostram Mustafá e Kischinhevsky (2018), após levantamento feito com a direção das rádios universitárias, a grande maioria das emissoras consultadas é subordinada diretamente às administrações das universidades ou a suas assessorias e a fundações mantenedoras. Apenas um número inferior é vinculado a núcleos ou centros próprios dentro da estrutura da universidade.

De acordo com o levantamento, existem emissoras vinculadas às unidades acadêmicas, sejam diretorias ou departamentos, sendo que, destes, a maior parte é de webrádios. Apenas duas que operam em FM estão nesta situação. O levantamento dos

---

pesquisadores também apontou que, mesmo nos casos de emissoras vinculadas às administrações, a maior parte dispõe de um professor no cargo de supervisor/diretor da emissora. (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY, op. cit.)

No que se refere à indicação dos gestores, o levantamento dos pesquisadores apontou que na maioria dos casos há indicação direta pelas reitorias ou pelas unidades acadêmicas às quais são subordinadas. Em muitas, conforme os pesquisadores, os mandatos têm duração de três ou quatro anos, em concomitância com os mandatos dos reitores, o que, para Mustafá e Kischinhevsky (op. cit., p. 6) “explicita que o comando de rádios universitárias tem um caráter de cargo de estrita confiança”.

Uma premissa considerada fundamental para a radiodifusão pública é a independência. Pieranti (2018) considera que esta característica deve ser perseguida e sugere quatro itens principais para alcançá-la: a forma de indicação de dirigentes, fontes plurais de financiamento, estabilidade dos dirigentes e outros profissionais, e mecanismos de controle social. De certa forma, consideramos que tal vinculação institucional com o gestor da universidade distancia dessa premissa da independência, embora reconheçamos a necessidade de uma análise mais precisa para que se entenda individualmente cada emissora.

No que se refere à existência de algum conselho deliberativo ou consultivo, poucas dispõem deste mecanismo, como apontam Mustafá e Kischinhevsky (2018). Dentre os itens apontados pelo pesquisador Sivaldo Pereira da Silva (2013), a participação (representada pela existência de instâncias colegiadas nas tomadas de decisões, oposta à centralidade de um diretor ou presidente) é um dos indicadores-chave para analisar a qualidade da mídia pública. Além da participação, a transparência, a autonomia administrativa e a independência financeira completam esses eixos considerados fundamentais, e que, de certa forma, coadunam com o que Pieranti sugere.

O levantamento de Mustafá e Kischinhevsky (2018) também nos mostra que são diversas as experiências de participação na gestão dessas emissoras. Algumas dispõem de conselhos curadores, outras de conselhos editoriais de programação, outras de mais de um conselho, havendo um deliberativo e outro fiscal (semelhante à estrutura pensada para a Empresa Brasil de Comunicação quando fundada); sendo que alguns, com reuniões periódicas, outros não. A maioria dos conselhos são formados pela maior parte por professores e membros da administração da universidade, sendo que, em alguns

---

casos, há a participação de estudantes e, em número ainda inferior, de representantes de outros entes representativos da sociedade civil.

Das federais, de acordo com o levantamento dos autores em 2018, existiam conselhos dessa natureza apenas na Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de São Carlos. Na Universidade Federal de Pernambuco, o órgão estava em implementação e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o início de mandato de um novo reitor desarticulou o encaminhamento para a implementação do órgão. (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY, op. cit.)

Silva (2013) sublinha, dentro do aspecto da autonomia administrativa, que o principal indicador neste âmbito é a não-vinculação dos participantes de tais conselhos com o titular da organização mantenedora (no caso específico das rádios universitárias federais, com os reitores).

### **Indicadores-chaves para rádios universitárias em instituições públicas federais**

A partir do exposto acima, apresentamos propostas de indicadores-chave, partindo da identificação das rádios universitárias num contexto de rádios públicas (uma vez que as universidades públicas federais estão vinculadas à União). Entendemos, portanto, dentre as finalidades primordiais dessas emissoras, tais indicadores:

#### **Independência**

A premissa da independência em emissoras de radiodifusão pública sugere que este ambiente seja um palco livre de ideias e opiniões, sem a interferência ou imposição de agentes governamentais, ideológicos, econômicos, políticos, etc. Essa premissa é fundamental ao se especificar, dentro do campo público, as emissoras universitárias, uma vez que a universidade, em si, é caracterizada por ser o espaço da pluralidade e da divergência de pensamentos. O papel dessas emissoras é, também, evidenciar as discussões que ocorrem dentro do ambiente universitário, mas que perpassa a sociedade como um todo.

Pieranti (2018) divide quatro aspectos que apontam o índice de independência para uma emissora de radiodifusão pública:

- (a) complexidade na indicação dos dirigentes, o que significa incorporar diferentes atores ao processo de escolha, pulverizando a influência de grupos e correntes políticas específicas; (b) estabilidade



---

dos dirigentes e profissionais críticos, o que ajuda a preservar a equipe, independentemente das posições manifestadas na programação; (c) mecanismos de controle social para a fiscalização, pela sociedade, das atividades desenvolvidas pelas emissoras; e (d) fontes plurais de financiamento, de forma que a diminuição dos recursos provenientes de uma origem não comprometa as atividades em curso” (PIERANTI, 2018, p. 275)

É importante que se frise que as discussões do autor está voltada às emissoras públicas administradas diretamente por órgãos vinculados à União ou aos estados. No caso das rádios universitárias, que têm o intermédio das administrações das Universidades, alguns aspectos se diferenciam.

Já Silva (2013) recorre aos quatro princípios da UNESCO para a mídia pública (universalidade, diversidade, independência e diferenciação) para elencar os seguintes eixos que considera fundamentais especificamente para a estrutura de organização: transparência (referente à publicização sobre funcionamento, dados orçamentários, relatórios, etc); participação (colegiados deliberativos, participação de representantes de diferentes setores da sociedade, etc.); autonomia administrativa (a partir do grau de vinculação dos membros do colegiado com o titular da organização ao qual pertence); e independência financeira (receitas próprias, receita oriundas de tributos, etc).

Diferentemente de Pieranti, Silva também passa a contemplar emissoras não necessariamente vinculadas à União e aos Estados, inserindo-se, aí, as universidades. De todo modo, tais parâmetros necessitariam de uma observação peculiar. No caso da transparência, por exemplo, não necessariamente as rádios precisam prestar conta em seus sites, mas os portais das Universidades dispõem (ou deveriam) de mecanismo de transparência para os diferentes órgãos de sua estrutura.

Uma característica importante para identificar o grau de independência reside na localização das emissoras no organograma das universidades, ou seja, se são vinculadas à reitoria, às assessorias de comunicação, aos centro de ensino, ou núcleos próprios. Como nos indica Mustafá e Kischinhevsky (2018), para além da subordinação, é válido identificar se a indicação do diretor ou gestor da emissora é direta pelo reitor, e como se dá – quando tem – a composição dos conselhos deliberativos da emissora.

## **Laboratorial**

Caracterizamos enquanto aspecto laboratorial a possibilidade das rádios universitárias servirem de espaço de prática profissional, de modo que os estudantes

---

adquiram um contato com a experiência do mercado de trabalho dentro das universidades.

Assim, os alunos podem participar das atividades desenvolvidas na emissora, permitindo aos estudantes o acúmulo de experiências que permitam o trabalho em outras emissoras tanto públicas como privadas. No entanto, uma outra característica dessas emissoras é o experimentalismo, que permite que os estudantes possam experimentar formatos e modelos radiofônicos não vigentes nas rádios comerciais.

Esta premissa consiste em possibilitar ao alunado, além de aprender a técnica para o exercício profissional, que estes possam usar da criatividade e inovar no conteúdo a ser abordado. No entanto, o nível deste aspecto varia entre as emissoras, já que em algumas, o índice de estudantes é inferior, e em outras, há uma participação maior.

Quanto à participação de estudantes da área de Comunicação, Deus (2003) aponta que esta experiência permite associar à formação do futuro profissional, uma capacidade crítica, de lidar com a pluralidade, o interesse público e uma aproximação com as questões sociais. Além disso, o contato com a experiência específica a partir das especificidades da emissoras universitárias, permite uma aproximação com o conhecimento científico, com os personagens que desenvolvem pesquisas, e a um fazer jornalístico mais pautado em uma perspectiva de jornalismo de interesse público – de alguma forma, também contribuindo para uma transformação no jornalismo de um modo geral, mesmo na estrutura comercial.

No entanto, além dos alunos da área de Comunicação, pesquisadores das mais diversas áreas podem ter nas rádios universitárias espaços para abordar discussões e permitir experiências diferentes aos estudantes. Além disso, o espaço pode servir de laboratório também no que se refere às áreas técnicas, como engenharias e tecnologia da informação, a partir de estudos de mecanismos de otimização nos equipamentos da rádio.

### **Experimentalismo**

Categorizamos como experimentalismo a possibilidade de apresentar formatos e modelos de programação radiofônica diferentes do praticado nas rádios comerciais. Este aspecto está ligado ao laboratorial, uma vez que a participação de estudantes é crucial no trabalho de inovar e experimentar novos formatos sonoros. No entanto, a diferença

---

entre ambos reside no fato de que o laboratorial se caracteriza por um modo de organização das emissoras, que permitem que estudantes componham seu quadro de pessoal com um intuito profissional; o experimentalismo se dá a partir do conteúdo que a rádio universitária veicula, se objetiva ou não transmitir uma programação que supere os formatos e modelos já experimentados e replicados nas demais emissoras de rádio – sejam comerciais ou públicas.

Enquanto as emissoras de rádio comerciais se arraigam em modelos de programas radiofônicos já experimentados e consolidados para garantir a audiência, entendemos como papel das emissoras universitárias permitir que se experimente formatos e modelos de programas diferentes dessas emissoras.

Deus (2003) frisa o caráter experimental das rádios universitárias como um espaço que permite “liberdade” para uma inovação de conteúdos que a diferencia do modelo de rádio comercial. Dessa forma, para a autora, além do ensino mesclado com a atividade, a transmissão de conteúdo alternativo faz parte da identidade da emissora universitária.

Os estudantes, ao mesmo tempo em que têm no rádio o ambiente para aprender sobre a técnica do meio, e também sobre os formatos sonoros já consolidados e padronizados, podem ir além e tentar experienciar novos formatos e abordar diferentes conteúdos. O fato dos estudantes serem pioneiros no processo de ensino-aprendizagem permite que, nos casos de não-sucesso, identifique-se os equívocos, e como corrigir e originar novas alternativas.

Na atualidade, com as múltiplas possibilidades que as tecnologias digitais e as plataformas na internet estão apresentando, esta premissa já nem se fecha tanto nestas emissoras, uma vez que as possibilidades de experimentação estão mais fáceis nas ferramentas virtuais. No entanto, algumas rádios universitárias ainda associam suas práticas a este papel.

Essas rádios também consistem em espaços para programação musical diferente das emissoras comerciais. É nas universitárias onde bandas autorais com músicas que experimentem novos modelos e formatos têm a visibilidade e podem divulgar sua produção independente.

Cotton (2018) aponta que com a ascensão das plataformas digitais, o rádio tem precisado se reconfigurar, e apresenta como uma opção às rádios universitárias uma proposta de investimento na ficção e na atividade laboratorial de produção de atores,

---

produtores, guias para as ondas sonoras. Mais do que apresentar respostas, o autor traz questões sobre esta possibilidade de experimentação no rádio.

Dessa forma, identificamos que as possibilidades de experimentação nestas emissoras vai para além do conteúdo jornalístico ou educativo/cultural, mas também enveredando por outros aspectos, como o ficcional, artístico e musical.

### **Educativo/cultural/artístico**

Muitas rádios universitárias – e outras emissoras ligadas à União ou aos estados – têm suas concessões caracterizadas como de rádios educativas. Antes, por conta desta questão legal e da autodefinição enquanto emissoras educativas, suas finalidades eram a transmissão de conteúdo educativo com programas instrucionais, tanto de alfabetização como formação de outras áreas. Hoje, a característica educativa se reconfigura. Da mesma forma, o conteúdo cultural e artístico. Antes, se partia de uma concepção na qual havia um cultura erudita a ser difundida entre as massas e que o rádio desempenharia papel importante nisso; hoje, a programação destas emissoras atualmente direciona a um conteúdo cultural de forma que valorize a cultura popular. Como citou-se anteriormente, existe uma grande diversidade de experiências de rádios universitárias. Portanto, também no conteúdo educativo/cultural/artístico, identifica-se uma pluralidade, já que é peça-chave da programação de muitas emissoras universitárias.

Categorizamos os aspectos educativo/cultural/artístico ao identificar que, desde o princípio, os três estavam juntos em uma noção de “educar/formar as massas” através do novo meio de comunicação que atingia a todos os públicos. Tanto em fornecer conteúdo formativo, como em coberturas de atividades e eventos culturais.

Como aponta Barbosa Filho (2009), o campo da Educomunicação tem apresentado novas produções educativas nas rádios, permitindo usos diferentes de recursos de mídia. O autor elenca os seguintes formatos radiofônicos dentro do gênero educativo-cultural: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático.

Dessa forma, a reconfiguração de como os conteúdos educativos, culturais e artísticos se dão nas rádios universitárias fazem dessas emissoras importantes vetores para a transmissão de conteúdo que privilegiem estes três temas. Vale ressaltar que em geral o ambiente universitário é polo de expressividade artística e cultural, o que faz dessas emissoras, por conta da proximidade, um potencial meio de difusão.

### **Divulgação tecnocientífica**

Barbosa Filho (2009, p. 109) cita a Divulgação tecnocientífica como um dos formatos do gênero jornalístico e que tem como função “divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população”.

Embora a nossa conceituação possa categorizar uma perspectiva que se sobreponha ao gênero jornalístico, consideramos, em linhas gerais, que esta é uma finalidade e premissa para as rádios universitárias, já que a universidade é um ambiente no qual se desenvolvem pesquisas e a construção do conhecimento científico das mais diversas áreas.

Deus (2003) aponta essas emissoras como “veículos do saber científico, cultural, político, filosófico e musical”. A autora sugere pensar o conteúdo científico nas rádios para além da simples transmissão de informações sobre ciência, mas a partir de um “envolvimento ativo” com a sociedade no qual a rádio e a universidade estão inseridos.

Outro aspecto, apresentado pela Rede de Rádios Universitárias da América Latina e do Caribe (RRULAC), é a comunidade científica ver nas rádios universitárias um instrumento importante para se apresentar e discutir o conhecimento científico. A rede enfatiza o papel histórico das rádios universitárias neste sentido.

Historicamente, por seus conteúdos e sua função, a rádio universitária tem sido um motor de transformação social, educativa e cultural. Alunos, professores, pesquisadores, artistas e cientistas têm tido voz nos microfones universitários desde as primeiras emissoras até a atualidade (RRULAC *apud* MARTÍN-PENA, PAREJO CUÉLLAR, VIVAS MORENO; 2016; l. 1054-1059, tradução nossa)

Dessa forma, as emissoras são mais do que espaços para se falar sobre ciência, mas, junto a uma premissa de radiodifusão pública, fazer do tema “ciência” algo diretamente ligado à realidade das pessoas e promover uma aproximação dos laboratórios, das discussões que ocorrem entre as paredes das salas de aula, e dos periódicos de divulgação científica, com a comunidade. Assim, a rádio universitária permite uma aproximação da sociedade não só da ciência, mas da universidade e da própria emissora.

### **Considerações finais**

---

Consideramos os indicadores-chave citados acima como premissas que, em algum nível, devem estar presentes nas rádios universitárias. A presença deles, no entanto, é diferente de emissora para emissora em virtude da falta de uma regulação específica sobre as rádios universitárias, e a ainda incipiente legislação sobre radiodifusão de um modo geral; e dos contextos específicos de cada rádio, como eventuais dificuldades que têm sobre quadro de pessoal, financiamento, dentre outros.

Também consideramos que tais itens não ocorrem isoladamente. Todos eles, de alguma forma, perpassam um ao outro. O processo de aprendizagem do alunado por meio da perspectiva laboratorial, pode ser permeado pelo contato com os personagens do conhecimento científico, da música independente, com um jornalismo de interesse público, e etc.

Como trouxemos uma discussão teórica a partir do que autores discutem sobre esses temas, não tivemos como identificar de que forma, mais especificamente, estes indicadores estão de fato sendo refletidos na prática em tais emissoras. Mas pretendemos, a partir desta categorização, poder sugerir horizontes e, por conseguinte, levantar que desafios as rádios universitárias têm para tentar implementar um modelo mais bem consolidado dentro de um sistema de radiodifusão público que esteja atento às demandas da sociedade, e também desempenhe um papel importante diante da comunidade universitária.

A formação de redes de rádios universitárias tem sido um caminho encontrado para suprir tais lacunas, e possibilitado uma aproximação tanto em troca de experiências, como de intercâmbio de conteúdos, transmissões, e na tentativa de fortalecer a área em busca de visibilidade, investimentos e reconhecimento. É o caso da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), instituída em 2018 e em processo de consolidação.

## Referências

- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COTTON, Marcelo. La ficción en la radio: una visión de futuro. *In: Pensar las radios*: Reflexiones desde las cátedras, talleres y otros alrededores. 1ª ed. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.
- DEUS, Sandra. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**. Porto Alegre, Vol. 9, p: 327-338, 2003.
- GIORGI, Mario. De cómo la RRULAC se transformó en la RIU. *In: Radios universitarias en marcha*: hacia la construcción de una contra agenda mediática – la

- ed. Avellaneda: Undav Ediciones; Badajoz: Junta de Extremadura; Madrid: Fundación Ramón Areces, 2018.
- IBARRA, Diego. Talleres de radio y emisoras universitarias: vínculos em el marco institucional y mediático. *In: Pensar las radios: Reflexiones desde las cátedras, talleres y outros alrededores*. 1ª ed. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. História do Rádio Universitário no Brasil – Uma primeira abordagem. *In: 11º Encontro Nacional de História da Mídia*. São Paulo, 2017.
- MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de. Cartografia das Rádios Universitárias do Brasil (1950-2016). *In: XV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom*. Curitiba, 2017.
- MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Diversidade de experiências e desafios na gestão de rádios universitárias. *In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom*. Joinville, 2018.
- MARTÍN-PENA, Daniel, PAREJO CUÉLLAR, Macarena, VIVAS MORENO, Agustín. **La radio universitaria** – Gestión de la información, análisis y modelos de organización. Barcelona: Gedisa, 2016. (ebook kindle)
- MARTÍN-PENA, Daniel. Primeras experiencias radiofónicas y evolución del trabajo em red. *In: Radios universitarias en marcha: hacia la construcción de una contra agenda mediática* – 1a ed. Avellaneda: Undav Ediciones; Badajoz: Junta de Extremadura; Madrid: Fundación Ramón Areces, 2018.
- PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas de radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília: Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2017.
- \_\_\_\_\_. **A radiodifusão pública resiste: A busca por independência no Brasil e no Leste Europeu**. Brasília: Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2018.
- SILVA, Sivaldo Pereira. Dimensões estruturais da mídia pública no Brasil: análise comparativa de indicadores-chaves em organizações de radiodifusão. *In: Ciberlegenda*. 2013.
- UNESCO. **La radio y televisión pública**. Por qué? Como? Montreal, Conseil Mondial de la Radiotelevisión (CMRTV), 2001.
- VALENTE, Jonas. Sistema público de comunicação do Brasil. *In Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro*. - São Paulo: Paulus, Intervezes, 2009.
- VILLAFAÑA, Irving Berlín. El derecho a decir: radios universitarias y educativas em México. *In: Caleidoscópico*. 2000.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.